



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7680 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MASCULINIDADES E EDUCAÇÃO NAS REUNIÕES NACIONAIS DA ANPED (2004-2017)

Edson Leandro de Almeida - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Maria Eulina P. de Carvalho - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

MASCULINIDADES E EDUCAÇÃO NAS REUNIÕES NACIONAIS DA ANPED (2004-2017)

RESUMO: O texto examina a produção levantada sobre masculinidades no GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação da ANPED em 12 reuniões, a partir de 2004, tendo sido encontrados apenas 14 trabalhos que tratam de temas diversos como masculinidades e cotidiano escolar na educação básica e superior, docência masculina e pedagogias masculinas em ambiente não escolar.

Palavras-chave: Masculinidade. Educação. ANPED.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um fragmento de pesquisa de doutorado, em andamento, e visa analisar a relação entre as masculinidades e a educação a partir de trabalhos publicados nos anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), a partir da 27ª Reunião, de 2004, que marca a criação do GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação. As questões de gênero e sexualidade ganharam maior visibilidade e espaço próprio de discussão a partir da criação desse GT. Realizou-se uma busca desde a 23ª Reunião, de 2000, mas não foi encontrado nenhum texto anterior a 2004 que verse sobre as masculinidades e a educação. Anais de Reuniões anteriores não estão disponíveis no site da ANPED, assim como não estão disponíveis os Anais da última reunião, realizada em 2019.

Parte-se da percepção crescente da importância dos processos educacionais, escolares ou não, na construção das relações de gênero e das masculinidades. Por gênero compreende-se “[...] um conjunto de atos repetidos (no corpo) no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância” (BUTLER, 2014, p. 59); e por masculinidades “[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma

configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade” (CONNELL, 2003, p. 188-189).

A educação é assumida como “[...] um processo, experiência, instituição que aponta diretamente à cultura-como-poder e ao poder-como-cultura no qual se reproduzem-reelaboram-resistem modelos de sujeito (de masculinidades) e de sociedade” (RESTREPO, 2012, p. 15). Nesse sentido, é um processo de construção de identidades e de sentidos para a vida individual e coletiva.

A educação e a instituição escolar são apontadas como centrais nas aprendizagens de gênero e na produção das masculinidades (CONNELL, 2001), uma vez que “as práticas masculinizantes estão concentradas em certos cenários: as divisões do currículo, os sistemas disciplinares e os esportes” (p.156). Assim, “as instituições escolares assumem grande parte da responsabilidade neste tipo de aprendizagem” (SAAVEDRA, 2004, p. 108), que transforma um menino em homem através da regulação dos corpos, dos afetos e dos espaços, reproduzindo de modo rígido os padrões culturalmente definidos para cada gênero. A educação, portanto, produz efeitos de gênero através de seus diversos cenários, discursos e práticas.

Bourdieu (2014) considera que a escola e a educação são lugares primários para a transformação das relações de gênero e para a promoção de uma maior equidade, apesar das contradições internas a tais instituições, contradições estas que a escola mesma introduz. Por sua vez, Galet e Seffner (2016, p.779) destacam que “as vivências que têm lugar na escola são portadoras de pedagogias de gênero, ensinam formas de ser homem e de ser mulher, de expressar, transmitir, aceitar, rechaçar as diversas formas de viver as masculinidades”.

A escola, como construtora de masculinidades, pode ser analisada de dois modos distintos e complementares, segundo Connell (2001): institucionalmente e/ou como um cenário das relações de gênero. No primeiro caso implica analisar a escola em suas estruturas e práticas, por exemplo, o currículo definido de modo generificado, as disciplinas ministradas cotidianamente de modo a reafirmar a marcação de gênero, as práticas esportivas e, por fim, os processos de seleção e diferenciação. Aqui a autora problematiza o fato do acesso universal à educação escolar não ser acompanhado de uma prática educacional que valorize as diferenças, mas, antes, hierarquize e selecione aquelas/aqueles que julga capazes. No segundo caso, pode-se examinar a escola “como um cenário no qual estão em jogo outros agenciamentos, especialmente o dos próprios alunos” (p. 160).

METODOLOGIA

Procedeu-se à busca de trabalhos, através dos descritores “masculinidade” e “homens”, nos anais da ANPED disponíveis no seu site a partir da 27ª Reunião, obtendo-se um total de 14 trabalhos, sendo 13 Comunicações Orais e um trabalho em Grupo de Estudos. No período estudado o total de trabalhos do GT 23 contabilizou 199 na modalidade Comunicação Oral e 32 na modalidade Posters. Os trabalhos sobre masculinidades e homens representam apenas 6,03% desse total. O Quadro I, a seguir, apresenta os trabalhos encontrados sobre masculinidades de 2004 a 2017, observando-se que a partir de 2013 as reuniões se tornaram bianuais:

QUADRO I – Masculinidade e Educação nos Anais das Reuniões da ANPED

TÍTULO	AUTORA/S	Reunião	IES
Autorrepresentações e subalternidades: famílias, racialidades e masculinidades na escola	Paulo Melgaço da Silva Junior; Ana Ivenicki	38ª /2017	UFRJ
Trajatórias na docência: professores homens na educação infantil	Mariana Kubilius Monteiro; Helena Altmann	36ª /2013	UNICAMP
Adolescentes violentos? Que discurso é esse? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia	Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti	35ª /2012	UFF
Um bom lugar: constituição de masculinidades juvenis na periferia urbana	José Geraldo Soares Damico	35ª /2012	FURG
O delírio do corpo: derivas das masculinidades	Rogério Machado Rosa; Patrícia M. Lima	34ª /2011	IFSC; UFSC
Distintas masculinidades: considerações sobre a escolarização de alunos da Educação de Jovens e Adultos	Cristiane Souza de Menezes	34ª /2011	UFPB
Gênero, raça, juventude e fracasso escolar: masculinidades nas narrativas juvenis	Rosemeire dos Santos Brito	34ª /2011	UNICENTRO
O bailarino self-made: trajetórias do masculino na dança	Giuliano Souza Andreoli	33ª /2010	UFRGS
Corporeidades masculinas nômades: o espaço da docência como heterotopia	Rogério Machado Rosa	33ª /2010	UDESC
Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol	Gustavo Andrada Bandeira	32ª /2009	UFRGS
Interlocuções entre masculinidades, corpos e arte	Celso Vitelli	31ª /2008	ULBRA
Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças	Frederico Assis Cardoso	30ª /2007	UNA
Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas populares	Claudia Regina Santos Ribeiro; Vera Helena F. de Siqueira	28ª /2005	UFRN; UFRJ
História do magistério: experiências masculinas na carreira administrativa no estado de São Paulo (1950-1980)	Daiane Antunes Vieira Pincinato	27ª /2004	USP

De acordo com o Quadro I e considerando a distribuição territorial das autoras e autores, vemos que as regiões Sul e Sudeste despontam como aquelas onde se originou o maior número de produções com essa temática, contabilizando um total de 6 trabalhos cada. Em seguida aparecem a região Nordeste com dois trabalhos, sendo um compartilhado com a região Sudeste; e a região Centro-Oeste com um trabalho.

Quanto à autoria por sexo, nessa produção, observa-se um equilíbrio entre homens e mulheres. Os artigos assinados por elas, individual ou coletivamente, contabilizam seis textos do total; os homens respondem igualmente por seis textos. Duas das produções são assinadas por ambos os gêneros.

No que tange à evolução cronológica da presença do tema, observa-se uma constante ao longo dos anos a partir de 2004. Apenas nas Reuniões 29 e 37 não houve trabalhos com a temática das masculinidades. Destaque para a reunião 34, de 2011, com três trabalhos e as reuniões 33 e 35 com duas produções cada, de forma que 7 trabalhos foram apresentados

entre 2010 e 2012.

Após a leitura dos textos, foram categorizadas suas temáticas centrais em quatro categorias:

- Masculinidades e cotidiano escolar na Educação Básica – 4 textos;
- Docência masculina – 4 textos;
- Pedagogias masculinas em ambiente não escolar – 5 textos;
- Masculinidade e Ensino Superior – 1 texto.

Passa-se a uma breve apresentação de cada um desses trabalhos.

Masculinidades e cotidiano escolar na Educação Básica

Os quatro textos aqui agrupados compartilham o cotidiano escolar como espaço privilegiado de (re)produção das masculinidades, bem como de possíveis deslocamentos. São pesquisas que se detêm ao contexto da educação básica, em suas diversas modalidades (RIBEIRO e SIQUEIRA, 2005; MENEZES, 2011; BRITO, 2011; SILVA JR, 2017).

O texto de Ribeiro e Siqueira (2005) tem como objetivo analisar os discursos (re)produzidos por adolescentes masculinos da classe trabalhadora a partir da mediação de cenas das telenovelas da TV aberta. As autoras apontam para o poder de definição dos padrões nas representações de gênero e sexualidade pela mídia e uma recepção acrítica, em geral, pelos sujeitos da investigação. Apontam ainda para a relevância da escola na construção de uma postura crítica diante dos discursos midiáticos e de produção de novos olhares sobre as relações de gênero e sexualidade.

As concepções de masculinidades em estudantes da EJA são o foco das pesquisas de Menezes (2011) e de Brito (2011). Predomina a concepção de uma masculinidade naturalmente adquirida e atrelada a comportamentos violentos e marcados pela indisciplina na escola, mas que, no entanto, tende a produzir novos modos de relação com a escola, mais colaborativos, com o amadurecimento e o fim da juventude, pois seriam comportamentos mais adequados a um homem (MENEZES, 2011). Indica, ainda, o compartilhamento de um determinado referencial de masculinidade marcado pelo uso da força, pela capacidade de causar problemas na escola e pela prática esportiva em detrimento do rendimento acadêmico para os jovens da EJA (BRITO, 2011).

Silva Junior (2017), em sua pesquisa com estudantes do 6º ano de uma escola pública da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, constata que, não obstante os questionamentos produzidos pelos movimentos sociais, pela academia e pelas políticas públicas, as “[...] expectativas sobre família, racialidade e masculinidade são mediadas pela configuração heteronormativa, complementar e assimétrica entre os gêneros” (p. 11), e que estas expectativas acabam por orientar as performances de gênero dos estudantes.

Docência masculina

Quatro textos tratam das experiências vividas por homens no exercício da docência, sendo que dois focam a docência masculina na Educação Infantil (MONTEIRO e ALTMANN, 2013; CARDOSO, 2007) e outros dois tratam das experiências corporais dos professores homens (ROSA e LIMA, 2011; ROSA, 2010).

A pesquisa de Monteiro e Altmann (2013), em um município do interior de São Paulo, constatou que apenas 0,69% das/dos docentes da Educação Infantil são homens. Mesmo com esse baixíssimo índice de participação, a presença masculina na Educação Infantil é um importante fenômeno de desnaturalização do magistério infantil vinculado à mulher. Por sua vez, Cardoso (2010) pontua que os professores sujeitos de sua pesquisa não identificam o magistério como uma profissão feminina. Constata, ainda, que o acesso a cargos administrativos é mais facilitado a estes professores do que a professoras com o mesmo nível de formação e atuação, fato que reforça o aspecto generificado da educação escolar.

A construção e os modos de experiência do corpo e da masculinidade em professores não integrados aos modelos hegemônicos é o foco da análise de Rosa (2010). O autor conclui que “a relação pedagógica entre alunos/as e professores, torna-se um espaço produtor de heterotopias: forças desejanças e criativas que incidem sobre a construção de corporeidades-masculinas-docentes” (p.14). Já Rosa e Lima (2011) fazem uma cartografia dos usos do corpo por professores a partir das contribuições filosóficas de Deleuze e Guattari (2004). Para o autor e a autora o “corpo como vontade de potência [...] resiste aos dispositivos disciplinares” (2011, p. 2), esse corpo é devir, um corpo sem órgãos.

Pedagogias masculinas em ambiente não escolar

As experiências de constituição das masculinidades em adolescentes em contexto de periferia é tema dos trabalhos de Damico (2012) e Ritti (2012). Damico (2012) aponta para a autoconstrução de uma masculinidade marcada pela negritude, pelo funk e participação em facções criminosas, modelo esse que coincide com o que significa ser homem em contexto de favela, no interior das relações de poder intra-inter gênero. Por sua vez, Ritti (2012) aponta que os elementos constitutivos das masculinidades juvenis de periferia se aproximam do modelo de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003), que perpetua as assimetrias de gênero e no interior das masculinidades.

Bandeira (2009) investiga como as práticas compartilhadas nos estádios de futebol “estão envolvidas nas construções das masculinidades desses sujeitos” (p. 01). Para o autor o currículo das masculinidades se expressa nas prescrições destinadas aos torcedores para que estes as cumpram reiteradamente. Tal currículo é marcado pela simulação de luta/batalha contra um inimigo, pela violência, pela homofilia ‘amor de macho’ e pela localização do ‘inimigo’ em posições de masculinidades subalternizadas.

Analisar “as articulações entre representações culturais de masculinidade e dança” é o objetivo do trabalho de Andreoli (2010, p. 1), que indica a permanência da vinculação do balé com a homossexualidade e a feminilidade, que se estende para as demais danças. Esse discurso leva, em geral, a um retardo no ingresso de meninos no balé, uma vez que necessitam superar/suportar as barreiras impostas. O autor também pontua que os meios que os meninos usam para desfazer tal vinculação passam pelo exagero nos traços e gestos culturalmente atribuídos aos homens.

Por fim, o texto de Pincinato (2004), aponta para a permanência de posições estereotipadas de atribuição do magistério ao feminino. Aos homens que nele se inserem a via da atividade administrativa parece ser uma estratégia comumente utilizada e que se vale do discurso social que atribui aos homens maiores capacidades para cargos administrativos.

Masculinidade e Ensino Superior

Vitelli (2008) analisa os discursos sobre masculinidades jovens em 20 estudantes universitários de Porto Alegre. “O corpo que define a masculinidade hegemônica algumas vezes é o procurado, almejado” (p. 11), e o corpo descrito pelos sujeitos da pesquisa tem características semelhantes às do corpo que compõe a masculinidade hegemônica, sem que, no entanto, seja o corpo real vivido por eles. O autor conclui que é possível uma posição de masculinidade intermediária e cambiante entre o modelo hegemônico e o seu oposto.

CONCLUSÕES

A presença da temática das masculinidades em sua relação com a escola e a educação ainda é tímida na produção científica na área de educação, conforme aponta o levantamento dos trabalhos apresentados no GT – 23 da ANPED, entre 2004, ano de criação do referido GT e também do Programa Brasil sem Homofobia, e o ano de 2017, portanto em 12 reuniões num período de 13 anos.

As 14 produções encontradas indicam a permanência de concepções heteronormativas das masculinidades e dos gêneros, especialmente na construção de masculinidades por jovens da periferia das grandes cidades, nas torcidas nos estádios de futebol, e entre jovens estudantes da EJA, porém com algumas possibilidades de contestação, especialmente através da presença masculina na docência da Educação Infantil, e das experiências de construção dos corpos de professores que não obedecem às normas de gênero instituídas.

Ressalta-se a importância dos estudos de masculinidade no campo da educação para informar políticas escolares e culturais visando a superação da violência masculina, do feminicídio e da homofobia.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, G. S. O bailarino self-made: trajetórias do masculino na dança. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 33.**, 2010, Caxambu/MG. Anais... Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT6439--Int.pdf>>.
- BANDEIRA, G. A. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 32.**, 2009, Caxambu/MG. Anais...Caxambu, 2009. Disponível em:<<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5384--Int.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.
- BRITO, R. S. Gênero, raça, juventude e fracasso escolar: masculinidades nas narrativas juvenis. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 34.**, 2011, Natal/RN. Anais... Natal, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-599%20int.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CARDOSO, A. F. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 30.**, 2007, Caxambu/MG. Anais... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

CONNELL, R. Educando a los muchachos: Nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de género para las Escuelas. **Nómadas**, nº 14, 2001. p.156-170.

CONNELL, R. **Masculinidades**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

DAMICO, J. G. S. Um bom lugar: constituição de masculinidades juvenis na periferia urbana. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 35.**, 2012, Porto de Galinhas/PE. Anais... Porto de Galinhas, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2344_int.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

GALET, C.; SEFFNER, F. Dois olhares sobre masculinidade no ambiente escolar: Brasil e Espanha. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**. v. 11, n. 2, abr-jun, 2016.

MENEZES, C. S. de. Distintas masculinidades: considerações sobre a escolarização de alunos da educação de jovens e adultos. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 34.**, 2011, Caxambu/MG. Anais...Caxambu, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-171%20int.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

MONTEIRO, M. K.; ALTMAN, H. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36.**, 2013, Goiânia/GO. Anais... Goiânia, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2689_texto>. Acesso em: 05 set. 2020.

PICINATO, D. A. V. História do magistério: experiências masculinas na carreira administrativa no estado de São Paulo (1950-1980). In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 27.**, 2004, Caxambu/MG. Anais...Caxambu, 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t2310.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

RESTREPO, E. Estudios culturales y educación: posibilidades, urgencias y limitaciones. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Estudos culturais e educação: desafios atuais**. Canoas: ULBRA, 2012.

RITTI, R. C. de O. Adolescentes violentos? Que discurso é esse? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 35.**, 2012, Porto de Galinhas. Anais...Porto de Galinhas, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-1454_int.pdf>. Acesso em: 05 set. 2020.

ROSA, R. M.; LIMA, P. M. O delírio do corpo: derivas das masculinidades. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 34.**, 2011, Caxambu/MG. Anais...Caxambu, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-171%20int.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

SAAVEDRA, L. Diversidade na identidade: A escola e as múltiplas formas de ser masculino. **Psicologia, Educação e Cultura**, vol. 8, nº 1, 103-120. 2004.

SILVA JUNIOR, P. M. da; IVENICK, A. Autorrepresentações e subalternidades: famílias, racialidades e masculinidades na escola. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38.**,

2017, São Luís/MA. Anais... São Luís, 2017. Disponível em:
<http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT23_160.pdf>.
Acesso em: 05 set. 2020.

VITELLI, C. Interlocuções entre masculinidades, corpos e arte. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 31.**, 2017, Caxambu/MG. Anais... Caxambu, 2008. Disponível em: <
<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4854--Int.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.